

**“EU ESTAVA TÃO ASSUSTADA QUE NEM LEMBRO DA DOR DO BISTURI”  
– A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE MATERNA**

***Eixo Temático 08 Corpos que gestam, Maternidade, Assistência à Saúde  
Materna e Violência, Narrativas Literárias, Ética e Bioética nos  
Cuidados em Saúde; Movimentos Sociais e Relatos de Experiência***

Bruna Fani Duarte Rocha <sup>1</sup>  
Monalisa Dias de Siqueira <sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho trata do desdobramento da dor e da violência obstétrica no interior do atendimento de duas mulheres que fizeram parte do movimento Mães na Luta Contra Violência Obstétrica. Os dados coletados fazem parte de uma pesquisa de mestrado sobre o movimento, em que privilegiamos a observação participante e os relatos de parto das interlocutoras nas mídias digitais. Embasadas pela literatura sobre parto, poder e violência obstétrica, observamos o processo de apropriação do corpo feminino pela equipe de saúde, em que as mulheres tem sua dor, muitas vezes, deslegitimadas durante a assistência ao parto.

**Palavras-chave:** Parto; Dor e Violência Obstétrica.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho trata de um recorte da pesquisa de mestrado já finalizada, na área das ciências sociais<sup>3</sup>, em que discorreremos sobre trechos de duas narrativas de parto que relatam situações de violência obstétrica na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Esses relatos foram escritos e divulgados nas redes sociais após a repercussão de um caso

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), faniduarte@gmail.com;

<sup>2</sup> Orientadora da pesquisa, atualmente professora na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), monalisadias@gmail.com.

<sup>3</sup> Trabalho apresentado e defendido pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Disponível em: <[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/22811/DIS\\_PPGCS\\_2021\\_ROCHA\\_BRUNA.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/22811/DIS_PPGCS_2021_ROCHA_BRUNA.pdf?sequence=1)>. Acesso em 01 de ago. de 2022.

de violência obstétrica que resultou na formação de um movimento social conhecido como *Mães na Luta Contra Violência Obstétrica*<sup>4</sup>.

Esse movimento formou-se em agosto de 2016, na cidade de Santa Maria, articulando-se, posteriormente, com outros movimentos do estado. A cidade foi marcada por manifestações públicas<sup>5</sup> contra violência obstétrica organizadas após a repercussão de relatos de parto, divulgados nas redes sociais e nos jornais locais. Conforme Jaqueline Ferreira (2020), o termo “violência obstétrica é fruto dos movimentos das mulheres desde 2007. A violação pode ser caracterizada como violência psicológica (ameaças, gritos ou tratamento hostil); negligência (omissão no atendimento); violência física (manobras proibidas, a negação do alívio para dor) e, por fim, a violência sexual (estupro e o assédio sexual). Além disso, essa violação ocorre no corpo de mulheres, que é marcado por violências seculares. Formado majoritariamente mulheres que se reconhecem como vítimas dessa violência, o movimento questionou algumas mudanças no sistema de saúde.

Neste trabalho, trataremos discussões sobre parto, medicina e poder, violência obstétrica e dor. Conforme Sonia Maluf (2001), o corpo pode ser compreendido enquanto construção social e cultural. Nesse sentido, pode ser lido, segundo Judith Butler (2003), por conceitos cristalizados e naturalizados, implicados no discurso, que inserem o sujeito dentro de uma expectativa social, coerente com a performatividade de gênero.

Discussões já exploradas por Michel Foucault (1988; 1999), Elisabeth Meloni Vieira (2002), Fabíola Rohden (2001), Ana Paula Vosne Martins (2004), Carmen Susana Tornquist (2004), Emily Martin (2006) e Robbie Davis-Floyd (2009) evidenciam-nos o quanto o corpo vem sendo construído como objeto da medicina, como uma estratégia biopolítica. Pela apropriação do corpo e da subjetividade das mulheres, o parto foi heterogeneamente transferido para os hospitais, sob a mediação o poder de um médico que é detentor do saber técnico. O saber das mulheres sobre corpo e parto passou a ser deslegitimado e reforçado através da lógica social de que as mulheres são incapazes de parir sem uma rede de monitoramento. Por fim, trazemos Lilian Chazan (2007) que

---

<sup>4</sup> A página “Mães na Luta Contra Violência Obstétrica” é uma “comunidade” no Facebook, que comporta mais de 4.500 seguidores. A ferramenta foi usada para divulgar relatos de parto.

<sup>5</sup> A primeira autora desse artigo é uma das mães do movimento, que sofreu violência e fez um relato de parto que é considerado aqui como o primeiro a ser amplamente divulgado, o que contribuiu para que outras mulheres se mobilizassem em prol da causa.

discute a construção dessa sensibilidade em que o médico é o único capaz de mediar o diálogo da mãe com o feto.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Inspiradas pelos escritos de Monalisa Siqueira (2014), sob influência de Veena Das (2007), demos atenção ao ordinário, relacionando-o à experiência e à forma que o cotidiano é vivido. Por isso, para a comunicação, selecionamos dois relatos de parto que compõe o conjunto de dados da pesquisa mais ampla já mencionada. Trata-se, dessa forma, de uma pesquisa qualitativa, de método indutivo, que se utilizou da observação participante e da análise documental para sua execução.

Com uma abordagem etnográfica plurilocal e multissituada, de acordo com Marcus (2001), entendemos que há uma lógica de tempo e de espaço interessante para reflexão, tendo em vista que os relatos de parto das mulheres entre outras manifestações são compartilhados no Facebook, embora experienciados nos hospitais em diferentes temporalidades. Ao acessar os relatos de parto das mulheres pela página de mães no Facebook, entramos em contato para convidá-las a participar da pesquisa e pedir autorização para usarmos seus relatos. A partir do diálogo aberto com elas, pudemos tomar algumas decisões importantes. Por exemplo, todas optaram por usar o nome verdadeiro nos relatos, por preferência política.

### **“NÃO ESCUTEI SEU CHORINHO, NÃO SENTI SEU CALOR” – Relato de Odara Garcia**

O primeiro relato que discutiremos aqui pertence a Odara Garcia, branca, cis, que com menos de 30 anos teve um parto cesáreo em 2018 no Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). Identificando dores, contrações e estando na 40ª semana de gestação, ela dirigiu-se até o hospital, onde fez alguns exames e foi mandada para casa já que o hospital estava lotado e ela ainda não estava com uma boa dilatação. Porém, a mãe de Odara – que a acompanhava naquele momento – orientou a filha que ficasse esperando no hospital e não obedecesse a orientação da equipe médica. Foi assim que aconteceu, ela permaneceu caminhando nos corredores do hospital enquanto esperava uma “boa dilatação” para receber seu atendimento.

Apesar das inúmeras queixas de dor e de sangramento, as enfermeiras diziam a ela que “a dor era normal” e que tudo que estava sentindo era “assim mesmo”. A dilatação

não parecia avançar como gostaria, pois depois de pedir para ser examinada novamente, ainda estava com 4 centímetros. Sem leitos para atendê-la, a equipe decide, então, transferi-la para o Hospital Casa de Saúde.

Vi mulheres há mais de 2 dias lá no corredor, gritando de dor, pedindo cesária, vi uma menina chegando e sofrendo um aborto, teve que esperar liberar uma maca, foi horrível. Eu por ser mãe de primeira viagem, achava que aquelas dores que eu sentia fazia parte do trabalho de parto, **então aguardei quieta afinal ‘quem grita ou faz escândalo, é deixada de lado** ‘ perguntei ao médico sobre minha internação e ele com desleixo disse que já ia chegar e que eu tinha que aguentar pq ‘FAZIA PARTE’. (GARCIA, Odara. Relato de parto. 18, jul. 2019).

Nesse trecho, Odara destaca a cena que não lhe parece nada confortável, em que percebe outras mulheres em sofrimento. A “dor”, elemento central em toda a discussão do trabalho, é o signo do parto no entendimento de grande parte das interlocutoras. Ela identifica que pensava que “aquela dor” fazia parte do trabalho de parto e, por isso, aguardou quieta. Evidenciando o quanto esse processo, que entendemos como um silenciamento das mulheres no interior dos atendimentos, é pedagógico, ela compreende que para ser atendida de forma mais rápida, precisa seguir o comportamento esperado, calada. A ideia de que a dor, a espera e a falta de estrutura faziam parte do atendimento deixou certa sensação de ignorância nas interlocutoras que frequentemente não sabiam o que esperar do atendimento.

finalmente a 2 da manhã a ambulância liberou e me levaram para a casa de saúde, chegando lá, tentaram ver os batimentos (não acharam), viram meu sangramento (o que diziam que era normal) e se assustaram, mediram minha pressão (o q tbm fizeram no husm, mas n me disseram nada) estava muito baixa, me levaram urgentemente para a sala de cirurgia, tivemos que esperar ainda mais de uma hora a anestesista que errou de hospital, enfim, dia 22/04 as 3 da manhã meu Arthur nasceu, **mas não escutei seu chorinho, nao senti seu calor, apenas escutei o pediatra contando ao meu marido que meu filho havia entrado em sofrimento fetal há mais de 4hs dentro de mim**, meu mundo caiu, minha vida acabou, perguntei a Deus o pq disso acontecer cmg, pois foi uma gestação tranquila, 1 filho, meus sonhos e tudo perdeu a cor, **eu pedi cesária, eu falei que as dores que eu sentia não era normal**. (GARCIA, Odara. Relato de parto. 18, jul. 2019).

Quando finalmente conseguiu ser atendida, após passar pela transferência de hospital, durante o trabalho de parto, Odara descobriu que seu bebê estava sem vida em seu ventre havia mais de quatro horas. Ela finaliza refletindo sobre a dor, tão comentada no início do relato, dizendo que sabia que as dores não eram “normais”. Essa

deslegitimação do conhecimento da mulher sobre o próprio processo, sobre o próprio corpo ilustra o que já é tão discutido por Foucault (1988; 1999), Vieira (2002), Rohden (2001), Martins (2004), Tornquist (2004) e Martin (2006). O saber sobre o corpo é de domínio biomédico e controlando o corpo, controla-se a vida, a sexualidade e a subjetividade das mulheres.

### **“EU ESTAVA TÃO ASSUSTADA QUE NEM LEMBRO DA DOR DO BISTURI” – Relato de Vanessa Padilha**

Já os trechos a seguir são do relato de Vanessa Padilha, uma jovem cis, não branca, de menos de 30 anos. O parto ocorreu em 2016, no Hospital Universitário (HUSM), em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Da mesma forma que o primeiro caso, Vanessa também foi orientada a ir para casa depois de ir ao hospital relatando fortes dores, mesmo tendo uma gravidez de risco. A equipe determinou e orientou um dia para o parto. Quando chegou o dia do parto, retornou ao hospital, onde inseriram-na comprimidos para dilatação. A dilatação não avançava como desejado, o que fez com que ela pedisse por cesárea. O bloco cirúrgico estava, no entanto, ocupado. Depois de mais de 24 horas no hospital, ela foi ao banheiro e sentiu a cabeça do seu filho:

eram 24hrs d indução e 18 de trabalho e si e umas 10 horas de bolsa rompida e dores intermináveis...4:37da manha foi meu parto cesárea de emergência,meu bebê nasceu sem chorar,nasceu roxinho quase preto e vi os medico reanimá-lo...da anestesia a retirada dele foram menos de 10 minutos,eu tremia e chorava muito e o medico ainda brincou dizendo "treme não,aqui tu não morre,tenho oxigênio,adrenalina e desfibrilador caso tu precise" eu segurei a Mao de uma amiga que estava ajudando(doula e amiga de infância)e chorei....estava tão assustada que nem lembro da dor do bisturi....meu marido não pode ver o parto...minutos depois Deus trouxe meu bebe e eu ouvi o chorinho dele e aquele pesadelo havia passado...meu marido entrou pegou nosso anjo e me disse que estava tudo bem,enquanto isso me costuravam feito bicho. (PADILHA, Vanessa. Relato de parto. 07, jul. de 2017).

Gostaríamos de destacar que, apesar de Vanessa ter ido com bastante antecedência ao hospital, a equipe decidiu postergar o parto, que acabou acontecendo de forma emergencial, após terem percebido o bebê com batimentos cardíacos baixos. Durante o momento de pânico, o médico “brinca” com o estado físico de Vanessa, ironizando a possibilidade de morte durante o atendimento, sinalizando as ferramentas que poderiam salvá-la. Ela declara, ao fim do relato, que o pesadelo havia passado quando viu seu filho bem, mesmo que ainda estivesse sendo costurada “feito bicho”, expressão usada possivelmente para sinalizar a falta de cuidado.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a ciência e a medicina tenham alcançado indiscutíveis avanços que contribuem para a redução da mortalidade materna, é perceptível a apropriação sobre o corpo feminino e a crescente deslegitimação da mulher no interior dos atendimentos. Odara ilustra a expropriação de si mesma sobre os sinais de seu corpo, em que a decisão sobre quando o atendimento começa e termina é sempre do outro. Esse “outro” é indiferente às suas queixas, evidenciando o trabalho de parto controlado, discussão proposta por Davis-Floyd (2009), e o poder sobre o corpo que controla a vida, a sexualidade e o destino dessas mulheres, discussões exploradas por Foucault (1988; 1999).

Tanto Odara quanto Vanessa ilustram essa aparente indiferença diante da dor, em que são mandadas para casa em função da superlotação do hospital. O parto – visto dentro da perspectiva industrial de Davis-Floyd (2009) – precisa acontecer quando houver espaço na fila e o médico se reduz à condição de técnico que vai operar esse corpo-máquina. A decisão sobre o atendimento de Odara refletiu no destino de seu filho, evidenciando o impacto e o poder da medicina sobre quem vive e quem morre, discutido por Foucault (1988; 1999).

Na fala do médico com Vanessa sobre ela não precisar ter medo de morrer, pois ele teria aparelhos para impedir que isso acontecesse, percebemos o que é discutido por Chazan (2007), sobre a mediação técnica do uso da tecnologia. O médico não só se vê, como reforça a ideia de que controla a vida dominando os recursos tecnológicos. Para ela viver, caso aconteça algo, é preciso que ele intervenha.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAZAN, Lilian K. **“Meio quilo de gente”**: um estudo antropológico sobre ultra-som obstétrico. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

DAS, Veena. **Life and words**: violence and the descent into the ordinary. Berkeley: University of California Press, 2007.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

FERREIRA, Jaqueline I. "Grávidas e bebês no fogo cruzado": sobre os usos e desusos do conceito Violência Obstétrica. Resumo. **Anais da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia** - **RBA**, disponível em: <[http://evento.abant.org.br/rba/32RBA/grupos\\_de\\_trabalho?id=23927](http://evento.abant.org.br/rba/32RBA/grupos_de_trabalho?id=23927)>. Acesso em: 9 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

JIMENO, Myriam. 2010. Emoções e política: a vítima e a construção de comunidades emocionais. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 99-121, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/mana/v16n1/a05v16n1.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2020.

MALUF, Sônia W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Dossiê Corpo e História, Revista Esboços**, p. 173-188, 2001. Disponível em: <[http://portfolio.unisinos.br/OA12/pdf/sonia\\_maluf\\_artigo.pdf](http://portfolio.unisinos.br/OA12/pdf/sonia_maluf_artigo.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2019.

MARCUS, G. **Etnografia en/del sistema mundo. El surgimento de la etnografía multilocal**. Alteridades, v. 11, n. 22, p. 111-127, 2001.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Tradução de Júlio Bandeira. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MARTINS, Ana Paula V. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 645-666, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a11v13n3.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

MARTINS, Ana Paula V. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2004.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

SIQUEIRA, Monalisa D. **“Vivendo até bem mais que 100”**: envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos no Brasil. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2014.

TORNQUIST, Carmen S. **Parto e Poder: o movimento pela humanização do parto no Brasil**. Tese de doutorado, UFSC, 2004.